

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

**MANIFESTO/CREDO
ANTI-BARBÁRIE**

Contribuição de Ramón P. Muñoz Soler

Argentina

1995

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



Em meio às turbulentas águas da vida

Um sentimento cósmico agita o coração do homem

Grandes transformações no que já passou do século. O mundo já não é o mesmo, nossos relógios químicos marcam uma hora diferente. O que aconteceu?

Viajamos em direção às estrelas, mas não nos perguntamos pelas crianças que vêm. Dizem-nos na escola que a ciência e a técnica têm a última palavra. Mas nós, no deserto da civilização moderna, queremos ouvir a primeira.

1

Minha infância transcorria placidamente em um pequeno povoado de província, brincava com as crianças da minha idade, construía meus próprios brinquedos, cantava com meus pais e minhas irmãs na cozinha de minha casa e lia Julio Verne. Aos 11 anos, escrevi um pequeno livro, ao qual confiei os segredos de meu coração. Ainda conservo o manuscrito: chamava-se (chama-se) “*Grandeza de Alma*”. Não me faltava nada nesse momento, mas às vezes me assaltava uma estranha tristeza. À noite contemplava com reverência o céu estrelado e interrogava silenciosamente o Deus desconhecido: queria saber, mas as estrelas me olhavam em silêncio.

Este primeiro assombro, este primeiro estremecimento de exílio cósmico moveu em mim, desde tenra idade, uma decidida busca de conhecimento. Sim, queria saber, mas passados alguns anos já não perguntava pelas estrelas, perguntava pelo homem. E percorri os caminhos da ciência, da filosofia, da literatura, da história.

O que significava ser humano?

Os livros não me respondiam. E senti a necessidade, já não de perguntar pelo “ser” do homem, mas de descer ao mundo das necessidades humanas, da vida humana, da dor humana. E decidi estudar medicina. Conheci a doença, a velhice, o nascimento e a morte. E também a angústia, a desesperança e a loucura. Porém, nesta busca

metafísico/existencial - no caminho do homem - cheguei a uma barreira difícil de cruzar: conheci o que agora se poderia chamar o córtex do “fenômeno humano”, mas me escapava o sentido de meu próprio Ser.

E quando quis avançar em direção ao significado profundo da vida, tropecei com minha própria sombra. Então, em meio ao caminho de busca, escutei como Dante, uma voz interior que me dizia:

“A te conveni um altro viaggio”.

Dizer o que aconteceu, a partir deste encontro providencial, não me é fácil. Percorri os caminhos invisíveis da alma e cheguei a re-conhecer que esse “humano” que eu procurava “fora” e que se ocultava por trás do véu da dor, da doença, da morte, também estava “dentro”. E cheguei a saber que, para de-velar o sentido da existência, não era suficiente a luz da inteligência, era necessário transmutar minha própria matéria em luz.

De repente, o humanismo renascentista, o humanismo socialista, o humanismo espiritualista, todos estes modelos humanistas que havia conhecido, vieram abaixo. E fiquei sozinho frente a meu próprio destino. Recordei Marx: “Os filósofos especularam sobre o mundo, nós viemos para transformá-lo”. Porém, este apotegma tinha para mim agora, outro significado: na viagem de “volta” sobre mim mesmo, a chave do “humano” já não passava através do transformar o mundo, mas do transformar-me: havia compreendido que a humanização e a socialização do mundo não passavam pela dialética dos opostos, mas pela reversibilidade de valores.

Durante 20 anos, não dei nenhuma conferência, não assisti a nenhum congresso, não escrevi nenhum livro. Porém, ao cabo deste longo período de abstinência de informação e silêncio de interpretação, acreditei necessário transmitir conceitualmente parte da experiência espiritual que havia realizado. Em 1966, escrevi “Germes de Futuro no Homem”, ao qual seguiram outros cinco livros, através dos quais tentei, com diferentes

linguagens, traçar a ponte simbólica entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida.

Como vejo o horizonte do porvir do homem, ao aproximar-se este fim de século, carregado de signos de esperança e barbárie?

Penso que fomos demasiado longe. Caminhamos a grande velocidade, com tempo equivocado. Por que equivocado? Porque o tempo da política, da economia, da sociedade, da técnica, da história, e ainda o tempo que hoje governa nossa própria vida, não é o tempo do homem.

Algo essencial nos escapou das mãos.

2

Nos anos 40, Teilhard de Chardin anunciava com voz profética a chegada do “Ultra-Humano”. Porém, a partir da segunda metade do século, chocamos de frente com o “Infra-Humano”.

Até o ano 1968, ainda ficava alguma esperança de voltar a criar a Terra. Porém, hoje já não temos mais tempo e se esgotaram as palavras. Passou a hora dos filósofos que especulavam sobre o mundo. E passou a hora daqueles que vinham para transformá-lo. Em lugar de todos eles, veio a deusa técnica com sua mensagem de salvação (Thomas Berry). E veio a hora do sacrifício. Sempre foi assim, nos umbrais de transição das grandes civilizações.

Cruzamos uma fronteira perigosa. Não só que o tempo cibernético/social não é um tempo do homem, senão que muitas funções humanas ficaram à margem da vida cósmica: o trabalho se converteu na variável de ajuste dos programas econômicos, o sexo se desentendeu do amor, a casa do homem se transformou em um albergue transitório.

Não é tempo de iluminação da alma, mas de sacralização da matéria. Já não é tempo de ganhar o mundo nem de salvar a alma, mas de reconstruir o Templo.

E qual é meu credo nesta hora crítica da pergunta pelo homem?

Não creio nos congressos acadêmicos, nos simpósios, nas declarações de princípios. Creio no trabalho, no sacrifício e na renúncia ao supérfluo. Creio no testemunho dos protagonistas da nova história. Creio também na co-inspiração dos sábios e dos santos para re-esboçar uma nova Ciência Integrada do homem, para a civilização que vem.

Ramón P. Muñoz Soler

Buenos Aires, 3 de julho de 1995